

DA TÉCNICA À GEOPOLÍTICA: NOTAS SOBRE ÁLVARO VIEIRA PINTO

Luiz Carlos Montans Braga¹

Resumo: O artigo analisa, em um primeiro momento, os conceitos de amaturalidade, trabalho e técnica conforme formulados pela filosofia de Álvaro Vieira Pinto, destacando a relação entre técnica – compreendida como essencialmente inovação – e desenvolvimento. Em seguida, discute-se filosoficamente a exportação de matérias-primas como forma de exportação de trabalho, revelando um dos mecanismos de sustentação do subdesenvolvimento. Os argumentos mostram que Vieira Pinto aborda a técnica sob uma perspectiva política e geopolítica. Por fim, é examinada a hipótese de que as nações metropolitanas empregam métodos para o congelamento do poder mundial e a manutenção do subdesenvolvimento.

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto; técnica; geopolítica do subdesenvolvimento.

From Technique to Geopolitics: Notes on Álvaro Vieira Pinto

Abstract: The article first analyzes the concepts of amaturity, labor, and technique as formulated by Álvaro Vieira Pinto's philosophy, highlighting the relationship between technique – understood as essentially innovation – and development. Next, the philosophical discussion of the export of raw materials as a form of labor exportation is presented, revealing one of the mechanisms that sustains underdevelopment. The arguments show that Vieira Pinto approaches technique from a political and geopolitical perspective. Finally, the hypothesis that metropolitan nations employ methods to freeze global power and maintain underdevelopment is examined.

Keywords: Álvaro Vieira Pinto; technique; geopolitics of underdevelopment.

De la Técnica a la Geopolítica: Notas sobre Álvaro Vieira Pinto

Resumen: El artículo analiza en primer lugar los conceptos de amaturidad, trabajo y técnica tal como los formula la filosofía de Álvaro Vieira Pinto, destacando la relación entre técnica – entendida como esencialmente innovación – y desarrollo. A continuación, se discute filosóficamente la exportación de materias primas como forma de exportación de mano de obra, revelando uno de los mecanismos que sustentan el subdesarrollo. Los argumentos muestran que Vieira Pinto aborda la técnica desde una perspectiva política y geopolítica. Finalmente, se examina la hipótesis de que las naciones metropolitanas emplean métodos para congelar el poder mundial y mantener el subdesarrollo.

Palabras clave: Alvaro Vieira Pinto; técnica; geopolítica del subdesarrollo.

Introdução

Álvaro Vieira Pinto foi um filósofo brasileiro tão importante quanto intelectualmente cancelado (FÁVERI, 2015). A retomada, ainda tímida, dos estudos de sua obra sofisticada e original se deu, sobretudo, com a publicação póstuma do ensaio *O Conceito de Tecnologia*, em 2005. Vieira Pinto não escreveu sobre geopolítica. Porém, tem reflexões agudas acerca de questões caras à geopolítica, tais como soberania nacional, imperialismo e disputa entre nações por domínio tecnológico,

¹ Foi professor efetivo de Filosofia da UEFS (2018-2025). Doutor em Filosofia pela PUC-SP.

alinhavando tais temas a outros próprios à sua filosofia, tais como alienação, consciência ingênua e crítica, consciência nacional, amannualidade, trabalho, realidade nacional, desenvolvimento, subdesenvolvimento, colonialismo, epistemologia da técnica, entre outros.

O artigo, em um primeiro movimento, trata dos conceitos de amannualidade, trabalho e técnica, tal como formulados pela filosofia vieiriana, destacando a relação entre técnica, compreendida como essencialmente inovação, e desenvolvimento. Em um segundo movimento, discute a questão da exportação de matérias-primas como forma de exportação de trabalho, revelando um dos mecanismos de sustentação do subdesenvolvimento. Na última seção, é examinada a hipótese de que as nações metropolitanas empregam métodos para o congelamento do poder mundial e a manutenção do subdesenvolvimento, indicando o provável acerto do filósofo em seu diagnóstico acerca de temas caros à geopolítica, especialmente sobre as razões para a manutenção do subdesenvolvimento.

Amanualidade, trabalho novo e técnica

O conceito de amannualidade é central na obra de Vieira Pinto. No título do item (f), “O conceito de amannualidade. O mundo como dado e como feito” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 67), está presente um ponto a ser destacado. O homem está no mundo. Eis a sua condição existencial. E o mundo é um dado ao homem. Porém, ao mesmo tempo, para o homem, o mundo está à mão. A “preensão” do mundo, o “agarrar com a mão”, ou seja, o conceito mesmo de amannualidade, é a condição existencial do homem. O homem não é um ente separado de um mundo concebido como dado. Em vez disso, na dinâmica da realidade, o mundo como *dado* é aquilo sobre o que o homem age, chegando-se, assim, ao mundo como *feito*. Esse fazer, essa “preensão”, esse “agarrar com a mão” os entes do mundo que são dados: eis o exercício da amannualidade, condição existencial mesma do homem no mundo. Em suma: sobre o mundo como *dado* o homem age, em razão de sua condição existencial, chegando, desse modo, ao mundo como *feito*.

Em seguida, o autor escreve:

O caráter de amannualidade implica a gradação nos tipos de manuseio e não se mostra, conforme deixa crer a teoria, como propriedade unívoca. Mas, o que se esconde por trás desta gradação do “amanual”? O trabalho. (VIEIRA PINTO, 1960, p. 69).

Este um ponto importante na concepção vieiriana de amannualidade. O manuseio da realidade, condição existencial do homem no mundo, não se dá como

abstração, fora da história, da cultura. Esse um traço que Vieira Pinto critica nos existencialistas dos quais extrai o conceito, inserindo-o na realidade dos países subdesenvolvidos (VIEIRA PINTO, 1960, p. 65-67).

A questão dos graus de manuseio e do trabalho por trás disso, analisados à luz da história e da cultura de cada nação, terá um papel fundamental na filosofia vieiriana para que se possa compreender as relações desiguais entre metrópole, de um lado, e os países colonizados ou subdesenvolvidos, de outro. Ainda que possa parecer que tais conceitos –metrópole, país subdesenvolvido, colonizado, bem como país desenvolvido, ou imperialista –, tenham sido jogados na lata de lixo da história, o autor faz com que, analisando a questão por outros ângulos, eles ainda tenham pertinência. Esse ponto ficará claro na sequência.

O conceito decisivo para se compreender a relação desenvolvimento-subdesenvolvimento, metrópole-colônia, segundo o autor, é o de “trabalho criador” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 67). É exatamente nesse nó que se encontram os conceitos de amaturalidade, trabalho e técnica. E é também por meio da compreensão desse encontro que as relações político-econômicas da assimetria desenvolvimento-subdesenvolvimento se aclaram.

O didático exemplo movimentado por Vieira Pinto para explicitar os graus de manuseio e os graus de sofisticação resultantes do trabalho do homem sobre o mundo é o do barro que vem a ser cerâmica e arte. Mexer-se em um pouco de barro é um grau de manuseio, com baixa sofisticação. Outra, distinta, é transformar o barro em cerâmica, em uma vasilha para beber algo, o que implica uma ascensão na sofisticação da amaturalidade com o mundo. Outra coisa, superior, é apreciar os desenhos e o colorido impressos na vasilha por meio da arte cerâmica: “é o trabalho que eleva a realidade objetiva de um a outro grau de amaturalidade” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 69).

O mundo em que o homem nasce, especialmente nos últimos séculos, é muito mais um mundo *feito* do que um mundo *dado*. A sofisticação da amaturalidade vai se sobrepondo a outras já existentes. Há um aspecto histórico a ser considerado, portanto. Quanto mais sofisticada uma sociedade, mais o homem trabalha sobre o trabalho anterior, sobre o *feito* e não sobre o *dado*.

Conclui Vieira Pinto que “À medida que [...] o homem vai fabricando cada vez maior número de coisas, o mundo onde se move vai sendo constituído, por estas coisas artificiais, enquanto as naturais são gradativamente deixadas a distância, num fundo impreciso de simples materialidade amorfa (VIEIRA PINTO, 1960. p. 71). E

conclui: “Ora, o mundo moderno é cada vez mais um mundo de fabricados” (1960, p. 72). Tais fabricados são o resultado do trabalho individual e ao mesmo tempo a resultante do trabalho coletivo, acumulado (1960, p. 72).

No item seguinte das reflexões vieirianas sobre amannualidade e trabalho, o autor aprofunda um dos aspectos da historicidade da amannualidade. A tese central deste movimento do texto é a seguinte: saber que “[...] a amannualidade reveladora do mundo material é função do momento histórico, leva imediatamente a compreender que está na dependência do estado de desenvolvimento de cada comunidade nacional” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 72).

Vieira Pinto chama a isso de progresso, significando o termo, nesse caso, sofisticação do amannual, sem necessidade da ideia de uma linha a ser percorrida pelas nações com vistas a um fim da história. Quanto mais sofisticação do amannual, maior o desenvolvimento e vice-versa.

Dados esses conceitos, o autor poderá propor uma distinção entre qualidades do trabalho empregado para o manuseio do mundo. De fato, se uma nação se diferencia da outra – desenvolvida ou subdesenvolvida – em razão da sofisticação da amannualidade, há que se perguntar se há trabalhos de naturezas diferentes entre si para esta finalidade.

Vieira Pinto afirma sobre a acumulação do trabalho:

Em que consiste a acumulação útil? [...] é indispensável estabelecer uma distinção de natureza entre formas de acumulação de trabalho, já que nem toda soma pura e simples do esforço laborioso é capaz de produzir o desenvolvimento, mas somente aquela que tem as características dialéticas de “processo histórico” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 74).

Para que exista “processo histórico”, isto é, salto histórico da nação do subdesenvolvimento ao desenvolvimento, é preciso que haja trabalho, mas o trabalho que tenha a natureza de útil, que possibilite os saltos qualitativos na amannualidade. É a diferença entre produzir “um mais” e produzir “um novo”. Quando se produz o novo, há processo histórico, que é dialético na medida em que do velho surge o novo que o supera. A produção do mesmo não gera mudanças qualitativas na situação histórica da nação. Arar a terra por séculos apenas acumula produtos pelo mesmo meio, sem salto qualitativo. O trabalho novo, que possibilita um ganho de produção em face do antigo proceder amannual, é que conta como “processo histórico” e é uma espécie de catapulta à nação em comparação com outra que não o faz (VIEIRA PINTO, 1960, p. 74). Os saltos históricos vêm das mudanças de qualidade do trabalho que a nação faz em si mesma. É a contraposição do tempo como repetição do mesmo - cronologia -

em face do tempo como mudança qualitativa da nação, ou seja, do tempo como história.

O autor dirá que a modalidade de consciência ingênua, muito presente nos países subdesenvolvidos, compreenderá, erradamente, que basta apenas aumento de produtividade de uma nação para que ela dê os saltos históricos necessários ao desenvolvimento. Ocorre que não basta aumento de produtividade. O essencial é o trabalho útil, que exige mudança qualitativa no modo de produzir. É graças ao trabalho novo que a “comunidade salta para outro plano histórico” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 75).

A questão passa a ser então a seguinte: qual a natureza da alteração qualitativa do trabalho? Responde o autor em um ponto chave da argumentação: “o que define em qualidade um modo de fazer é o que se chama a técnica. Eis-nos assim em face da questão filosófica da técnica” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 75).

A essência da técnica, então, para Vieira Pinto, “é a acumulação qualitativa de trabalho” (1960, p. 75). Apenas tal acumulação qualitativa dá à técnica o que ela tem de diferença específica, para usar o modo de distinção aristotélico. Vieira Pinto, ademais, afirma que tal dado é o que confere à técnica a natureza de processo. De fato, retomando um ponto acima indicado, a nação se desenvolve quando ocorre, dialeticamente, um “processo histórico”.

Na verdade, diz Vieira Pinto, a técnica se apresenta como um *Janus* bifronte. De um lado, é *know how*, ou seja, modo de fazer bem alguma coisa. Esse o sentido de técnica como trabalho quantitativo. É o que o autor chama de “[...] técnica como amestrage humana para o ‘fazer bem’” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 76). O outro lado, esse sim definidor de sua essência, sua diferença específica, é o “fazer novo”. É por essência, eis a tese de Vieira Pinto, invenção. É inventiva “[...] ao procurar fazer algo melhor por meio melhor. É exatamente este traço analítico, o ‘meio melhor’, que desvenda o íntimo da técnica” (1960, p. 76).

A questão da técnica como essencialmente invenção deságua no conceito de desenvolvimento e progresso, este último entendido no sentido de sofisticação do trabalho. Afirma o autor, acerca da técnica como invenção, que:

É, portanto, literalmente uma acumulação de trabalho, em outro sentido que não a reiteração da forma de produzir, sendo agora a invenção de procedimentos originais e melhores. É uma sedimentação histórica de maneiras de trabalho distintas qualitativamente e superpostas como camadas, revelando a natureza de processo do desenvolvimento técnico. (VIEIRA PINTO, 1960, p. 77).

Sobre a dialética² implicada nessa dinâmica, Vieira Pinto esclarece:

Abre-se, pela operação sobre o real, nova perspectiva para o fazer, e o fazer segundo essa perspectiva será a nova técnica. Esta, se receber o acolhimento social, se estabiliza e gera, em relação aos procedimentos antigos, uma acumulação qualitativa de trabalho. Mas, a mesma situação se repetirá a seu respeito, e assim, como se instalara pela negação dos métodos anteriormente vigentes, um dia pela sua própria eliminação fará surgir o modo de fazer que a substituirá. (VIEIRA PINTO, 1960, p. 78).

O autor então chama a atenção para um fato pouco explorado pelos estudiosos da técnica e que decorre da definição acima. Ela é fundamentalmente um processo histórico (1960, p. 78). Sendo um processo histórico, poderá ser o termômetro do desenvolvimento, agora tornado, juntamente com o trabalho e a técnica, questão filosófica. De fato, o desenvolvimento terá como critério de medição a sofisticação da amaturalidade de uma nação. Sendo a técnica, em sua essência, criação do novo a partir do antigo, é, assim, desenvolvimento. Por isso Vieira Pinto proporá uma teoria do desenvolvimento nos seguintes termos: “o processo histórico do desenvolvimento nacional consiste no desenvolvimento de processos técnicos de produção” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 79).

Daí a ligação entre um conceito que para o senso comum é neutro, a técnica, e o desenvolvimento, quando vistos, ambos, pelas lentes filosóficas forjadas pelo filósofo. Um país subdesenvolvido não alcançará o desenvolvimento, deste ponto de vista, se estiver, por razões internas ou externas, condenado à repetição do seu domínio técnico atual, ou seja, se não for capaz dos saltos históricos que a técnica como inovação permite às nações.

A busca dos países subdesenvolvidos deverá ser, portanto, a busca pelos processos de produção que levem a inovações, a essência mesma da técnica. Na síntese de Vieira Pinto, “a instauração do processo de desenvolvimento nacional está intimamente ligada à possibilidade de enveredar o país pelo rumo da revolução tecnológica” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 80). Tal salto tem um aspecto educacional, pois o ensino e a pesquisa do país subdesenvolvido devem ter como alvo este salto de qualidade da técnica. Igualmente, tal mutação demanda ações políticas que compreendam que não basta um produzir mais, mesmo que por meio de técnicas importadas, que apenas podem aliviar pressões sociais, mas nunca possibilitar saltos desenvolvimentistas. É preciso um produzir novo e nacional, único caminho, segundo o autor, que coincide com os trilhos do desenvolvimento verdadeiro e não se confunde com sua *mimesis*, caminho sedutor, muitas vezes trilhado, mas inautêntico.

² Sobre lógica dialética e lógica formal em Vieira Pinto, ver: MONTANS BRAGA, 2021.

Matéria-prima, exportação do trabalho e geopolítica: astúcias dos países metropolitanos

Viu-se acima que Vieira Pinto dá crucial importância ao conceito de desenvolvimento. Não se trata de mero crescimento da produção, em viés economicista, e, portanto, parcial, do problema. O conceito de desenvolvimento é visto pelo autor de um ponto de vista filosófico. Por ser assim, “o processo histórico do desenvolvimento nacional consiste no desenvolvimento de processos técnicos de produção” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 79). Apenas tais “processos técnicos de produção” garantem à nação os saltos históricos típicos do desenvolvimento.

Por que os países subdesenvolvidos, segundo o autor, não dão esses saltos, ou o fazem precariamente? São muitos os aspectos da resposta a esta questão na obra do autor. Alguns deles serão destacados e aprofundados a seguir, mostrando como Vieira Pinto, em sua filosofia política da técnica, flerta com questões da geopolítica³. Trata-se, talvez, de uma geopolítica como decorrência da filosofia política da técnica, como se verá a seguir a partir dos conceitos já esboçados sobre amaturalidade, trabalho útil e técnica, ao serem atrelados a questões políticas e geopolíticas.

No volume II de *Consciência e Realidade Nacional* (CRN II), volume no qual o autor trata da consciência crítica, há, na Parte II, *Princípios de uma política nacionalista*, um item que se vincula estreitamente aos temas acima analisados. O título é *A incorporação do trabalho nacional ao país*.

Nesse item Vieira Pinto denuncia um ponto que considera grave na desequilibrada relação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Assim expõe o cerne da tese:

Este deve ser o princípio cardinal de toda a política nacionalista. Significa simplesmente o fim da alienação internacional do trabalho. [...]. O país subdesenvolvido sofre, em caráter coletivo, de um tipo particular de alienação do trabalho, a alienação internacional. É um país que trabalha para outro [...]. É, na sua essência, um país proletário. Trabalha para outro e somente aproveita em seu benefício mínima parte da riqueza que produz. (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 434).

³ Sobre um conceito possível de geopolítica, ver: ALBUQUERQUE, 2011, p. 26-27. De acordo com a definição do autor, pode-se enquadrar os temas vieirianos aqui tratados como fazendo parte do rol de discussões da disciplina: “A geopolítica estuda a influência dos fatores geográficos (território, população, recursos naturais, infraestruturas diversas e estruturas econômicas) na política do Estado e que afetam a dinâmica do sistema internacional. Em outras palavras, a geopolítica analisa os condicionantes geográficos presentes na história dos povos e de seus Estados, principalmente com o objetivo de orientar suas ações no futuro” (p. 26). Em outra chave, ao tratar dos métodos da geopolítica, afirma o autor: “Em termos metodológicos, o objeto de estudo geopolítico exige dois movimentos de aproximação: [...]; o segundo é desvelar as formas de inserção dessa unidade político territorial nas estruturas internacionais de poder” (p. 27).

Viu-se, na primeira seção deste artigo, a importância capital, na filosofia vieiriana, do conceito de amaterialidade, do trabalho que há por trás do manuseio do mundo, seu caráter histórico e, principalmente, a importância do tipo de trabalho que o país realiza para que alcance o desenvolvimento (questão político-econômico-existencial).

A alienação internacional do trabalho significa que algumas nações dominam grande parte dos trabalhos sofisticados, deixando as nações subdesenvolvidas sem possibilidade dos saltos históricos da técnica mais avançada, que as levaria ao desenvolvimento. Um dos meios de fazerem isso se dá com a exploração da matéria-prima dos países subdesenvolvidos.

De fato, o autor mostra como a apropriação ocorre de modo muito claro. Afirma:

De nada lhe vale possuir imenso potencial econômico, representado por matérias-primas, espaço cultivável, fontes de energia, se não atualizar a riqueza primordial, o labor do povo, sem a qual nenhuma das outras é riqueza. [...]

A matéria-prima só existe enquanto tal, se destinada a confeccionar algum produto mediante o emprego da força humana de trabalho, que a deve converter em certo bem acabado. [...]

Quando o nosso país exporta uma tonelada de minério de ferro, exporta juntamente com essa massa física um quantum de trabalho que deixará de ser feito aqui. Este é o fato decisivo, que jamais deverá ser esquecido. [...]

[...] a exportação do minério, sendo ao mesmo tempo exportação de trabalho nacional potencial, significa necessariamente um obstáculo ao desenvolvimento para si do país. O que se entende por matéria-prima é sempre a matéria de um trabalho futuro. Se este não for executado pelos possuidores da substância corpórea que fornece a base e a razão de ser dele, ou se tal substância apenas sofrer aqui as primeiras operações elementares, de simples beneficiamento, para oferecê-la em melhores condições ao estrangeiro que a vai realmente trabalhar, o país estará alienando aquilo que compõe a sua riqueza fundamental, a capacidade de trabalhar para si (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 438-439).

Vieira Pinto explícita, nessas passagens, a real natureza da relação desigual entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Não se trata de uma fatalidade, mas de configuração histórica da distribuição da sofisticação do trabalho e dos métodos para que tais configurações se mantenham. O exemplo da exportação de matéria-prima de um a outro país mostra uma série de questões filosóficas ligadas à ocorrência, ou não, do desenvolvimento. Ao exportar matéria-prima a outro, o país subdesenvolvido deixa de ganhar em ao menos dois momentos. Primeiro, deixa de gerar toda a cadeia de agregação de valor que poderia realizar na matéria-prima – que se chama prima por ser a base para demais aplicações técnicas. De fato, quem o fará será o país que importou a matéria parcamente trabalhada no país de origem.

Segundo, deixa de usar sua mão de obra e sua técnica no montante de matéria-prima exportada. Na realidade, nesse sentido, exporta não apenas a matéria primeira dos produtos vindouros, mas o trabalho que poderia ser realizado em sua nação. O país aliena, desse modo, o seu poder de trabalhar para si, jogando em mãos estrangeiras o trabalho útil, qualitativo, a ser feito sobre a matéria e a ela agregando o trabalho que de fato leva ao desenvolvimento, alienando o salto histórico que o trabalho útil poderia lhe possibilitar.

Por conseguinte, Vieira Pinto poderá afirmar, como corolário das reflexões anteriores:

Por isso, a rigor, cabe dizer que não existe o problema da exportação de matéria-prima; o problema real é a exportação do trabalho. [...] ao remetê-la para o estrangeiro, fecha o círculo da sua miséria: exporta porque não tem capacidade para fazer, e não faz porque exporta” (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 441).

O papel para a mudança desse estado de coisas caberia, segundo o autor, à “consciência política”, que deve ser a resultante do voto consciente das massas nos líderes que possam empreender o processo de desenvolvimento (VIEIRA PINTO, 1960a, p. 40), nunca cabendo tal tarefa à “consciência economista [...], quase sempre antinacional” (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 442). A consciência política somente pode ser alcançada pelo uso da consciência crítica das massas, com o fim da alienação e menor predominância da consciência ingênua⁴. A revolta que devém projeto resume essa importante questão. O autor afirma que a revolta, antes apenas um sentimento, ganha qualidade de ideia como representação quando o indivíduo compreende historicamente a sua situação e o conjunto de causas que o levaram a esta circunstância. A representação da situação é qualitativamente mais rica que o mero sentimento indistinto de revolta. Escreve Vieira Pinto em *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*: “Antes, sofria. Agora sabe porque sofre” (VIEIRA PINTO, 1960a, p. 18). E refina o argumento ao afirmar que “[...] o homem que possui uma ideia é ao mesmo tempo um homem possuído por essa ideia” (1960a, p. 18).

Portanto, as massas esclarecidas, com consciência política, seriam o meio propício à eleição de líderes políticos legitimados à confecção da ideologia do desenvolvimento nacional, aqui compreendida a expressão ideologia como conjunto de ideias adequadas a esse projeto e não no sentido marxiano, de falseamento da realidade. Os demiurgos do projeto seriam os políticos eleitos pelo voto democrático e

⁴ Os temas da consciência ingênua e da consciência crítica são exatamente os temas dos volumes I e II de *Consciência e Realidade Nacional*, respectivamente (VIEIRA PINTO, 1960, 2020a). Não aprofundarei o tema no presente artigo.

legitimados pela massa portadora de consciência crítica, capaz de compreender a situação histórica própria e do país.

Por fim, acerca do tema da exportação do trabalho e da alienação da soberania nacional, Vieira Pinto afirma:

A exportação de matérias-primas, sobretudo as riquezas minerais, veículo material de um bem imensamente maior, o trabalho humano, do qual decorre o direito de o homem se realizar como homem, corporifica a forma mais grave da alienação econômica. Ao exportar os seus minérios, nosso país aliena ao mesmo tempo a soberania, porque entrega a outros o direito de fazer os bens de que, enquanto nação, necessita para se realizar como ser histórico. Comete assim a suprema injustiça para com o povo: alienar o direito ao trabalho que o libertaria. [...]. O país exportador de matérias-primas não somente é roubado pelo dominador no trabalho que faz, mas sobretudo é roubado no trabalho que não faz. [...] o princípio cardinal de todo programa nacionalista resume-se em converter o trabalho do povo aos seus exclusivos interesses. Fazer o país trabalhar para si [...] (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 444).

Pode parecer que o excerto acima, da década de sessenta, não tenha cabimento na chamada sociedade do conhecimento. Nada mais equívoco. Como analisado na primeira seção deste artigo, quando se focou o conceito vieiriano de trabalho, não está tratando o autor, como é óbvio, de posições de trabalho repetitivo, quantitativo e praticado por séculos, como o ato de arar a terra. Quem trabalharia na matéria-prima não exportada não seria o homem simples, dotado de parca formação intelectual e técnica. Seria exatamente um rol de cidadãos conscientes de seu lugar histórico e preparados para transmutar o que é primeiro, básico, a matéria-prima, em produtos resultantes da aplicação da técnica como inovação. Exatamente aquela, como visto, que possibilita à nação ingressar ontologicamente no processo de desenvolvimento, passando a experienciar a passagem do tempo não como cronologia, mas como história.

Por isso a técnica e a tecnologia (esta como uma epistemologia ou teoria do conhecimento acerca da técnica, definição que o autor propõe em *O Conceito de Tecnologia* - 2005, p. 219-346) explicitam seu viés eminentemente político em Vieira Pinto e, por que não, geopolítico. O conceito de tecnologia de Vieira Pinto, na verdade uma filosofia política da técnica (MONTANS BRAGA, 2023), abarca precisamente boa parte das discussões típicas da geopolítica. Em perspectiva da história de longa duração e na mesma linha, para o autor a técnica é coetânea à hominização, ou seja, surge quando surge, na história, o homem como tal, tema bastante aprofundado em O

Conceito de Tecnologia (VIEIRA PINTO, 2005, p. 54, 62, 188)⁵. Portanto, por ser a técnica um existencial do homem, a ética e a política estão no coração do conceito.

Veja-se, nesse sentido, o que afirma Vieira Pinto:

Alguns povos, valendo-se de circunstâncias materiais e econômicas propícias, apreendidas pela consciência de seus grupos dirigentes, aproveitaram-se de oportunidades a eles abertas e dispuseram-se a travar lutas de dominação, chegando a conquistar vastas áreas de influência. Assim surgiram ao longo dos tempos os impérios de cada época, dos quais a reconstituição histórica não passa de velado necrológio. Nada há de transcendental, de fatal, de “destino”, nem muito menos de “anímico”, na força que impulsionou as primeiras tribos conquistadoras, e ainda hoje move as potências às quais se dá o adjetivo correlato de “imperialistas” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 258).

Ocorre que durante muitos séculos, em razão da parca mudança qualitativa da técnica, a disputa entre nações ou povos não focou precisamente um traço peculiar aos tempos mais recentes: os rápidos saltos qualitativos da técnica. Cientes dessa situação, as nações dominantes procuram manter para si as mais avançadas técnicas, procurando frear o processo nos países subdesenvolvidos. Assim,

A nação arvorada em cabeça de uma formação imperial tem necessidade de melhorar constantemente sua tecnologia de exploração da natureza e do trabalho dos povos vencidos, sob a pena de declinar e sucumbir. Nada de surpreendente, portanto, em que o florescimento da tecnologia tenha por sede a área historicamente dominante em cada época. Aí se acumulam as produções da ciência, para aí emigram os sábios do mundo inteiro e aí se acham os recursos de força de trabalho necessários para a produção mais qualificada e volumosa, possível em cada fase histórica. A passagem, já nos tempos modernos, ao período da produção fabril, pondo a serviço da sociedade novas e extremamente poderosas energias naturais motrizes, não alterou o quadro consuetudinário, ainda hoje existente” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 259).

Mais recentemente na história entre as nações, esse processo de domínio da técnica como estratégia de domínio geopolítico se sofisticou ainda mais. Efetivamente, como afirma Vieira Pinto,

Tal como naquelas prístinas eras, a dominação é sempre determinada por um motivo econômico, [...] com o fim de garantir o prolongamento do poderio do centro metropolitano. Sendo esta a finalidade, o instrumento manejado consiste na técnica conhecida no momento. [...] Só nos tempos modernos entramos na fase em que começa a predominar o ritmo de substituição qualitativa, o que representa novo ciclo no processo da evolução tecnológica. No passado, a baixa produtividade das energias criadoras socialmente disponíveis impunha, [...] o acréscimo quantitativo do poder de produção. Valia mais a pena adquirir ou caçar um novo escravo do que inventar diverso procedimento técnico [...]. Agora [...] estamos na fase em que à produção do centro metropolitano não restam outras perspectivas de conservar o ritmo de crescimento senão apelando pela substituição qualitativa da tecnologia. É este fenômeno que a consciência simplória observa nas áreas hegemônicas e rotula candidamente de “explosão tecnológica”. Não percebe tratar-se de um fato necessário no curso do processo histórico, em virtude do

⁵ “Vê-se, portanto, que a técnica é coetânea com o surgimento do homem. E isto em duplo sentido: (a) porque resultam ambos da mesma função que os órgãos cerebrais são capazes já então de efetuar; (b) ainda mais, porque se explicam pela mesma necessidade, a produção da existência. O homem, tornando-se o ser que se produz a si mesmo, constituiu-se simultaneamente em animal técnico” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 62).

esgotamento de um ciclo do progresso da tecnologia, o de prevalência quantitativa, e da abertura de outro, onde a disputa pelo troféu da dominação e o incremento do processo tecnológico têm de fazer-se por via da melhora qualitativa da produção, frequentemente em forma de saltos espetaculares, conforme o recente aproveitamento da energia nuclear. A racionalidade dessa transição é inerente à curva histórica, o que desmancha os efeitos impressionistas da montagem ideológica que, sob o nome de “explosão tecnológica”, a consciência atônita e basbaque de baixa estatura tenta impingir aos transeuntes desprevenidos (VIEIRA PINTO, 2005, p. 260-261).

O autor mostra, ainda, em outra passagem do mesmo rol de reflexões, as sutilezas usadas pelas nações desenvolvidas para bloquear as subdesenvolvidas. Expõe nos seguintes termos seu raciocínio:

Usar a tecnologia como instrumento para criar uma mentalidade tecnológica que lhe seja conveniente, a saber, inócua para os seus interesses econômicos, e conseqüentemente políticos, tal é agora a única possibilidade restante em mãos do centro imperial. [...]. A tecnologia torna-se então o principal ingrediente com que o dominador irá compor a consciência “para o outro” das massas subjugadas. O procedimento prático para chegar a este fim apresenta-se mais complexo. Faz-se preciso, em primeiro lugar, [...] valorizar a personalidade do técnico e enaltecer o papel progressista da tecnologia. Contando com a passividade da consciência colonial, naturalmente receptiva, e mais propensa ao maravilhamento e à admiração do que à indagação crítica, [...]. Em segundo lugar, impõe-se ao dominador discriminar, entre as inúmeras variedades de técnicas, aquelas que devem ser exportadas, uma vez que da execução de um plano correto a este respeito depende a duração da influência. Explica-se assim a torrencial invasão de agentes estrangeiros comissionados para inspecionar o estado do território ocupado e transmitir ao centro diretor as informações necessárias para escolher o modo de ministrar a tecnologia transplantada. Daí recorrer a potência hegemônica a duas noções falsas e confundidoras: uma, a de que a tecnologia consubstancia um bem a ser adquirido pelo país atrasado, pagando caro por ele, se quiser progredir; outra, a de que a tecnologia é produto exclusivo da região dominante, e só aí pode ter origem (VIEIRA PINTO, 2005, p. 266).

Ou seja, a disputa, em tempos recentes, entre as nações, passou da fase da captura de elementos de tecnologia de baixa sofisticação em sua amaturalidade, como, por exemplo, a apropriação de escravos como força de trabalho entre as nações antigas após as guerras. Agora, como indica Vieira Pinto em sua obra magna, a disputa se dá em ao menos duas frentes. De um lado, a busca dos saltos de qualidade que o trabalho novo traz. A era da “explosão tecnológica” na verdade é a era da busca, pelas nações bem equipadas, das novas fronteiras da técnica, o que é sinônimo de luta por poder e dominação pela via da ciência acoplada à técnica⁶. De outro, impedir que as nações subdesenvolvidas, por meio de uma série de estratégias, como a infiltração de pesquisadores e teses, via *soft power*, nas universidades, nos periódicos etc., que visem ao convencimento da nação de que é mais fácil e barato exportar

⁶ Importante indicar que, no exílio no Chile, Vieira Pinto concebeu, em 1967, uma obra sobre metodologia e problemas filosóficos da pesquisa científica, a qual foi publicada pela primeira vez no Brasil em 1969, pela editora Paz e Terra, teve novas edições pela mesma editora e recentemente foi republicada pela editora Contraponto (VIEIRA PINTO, 1979, 2020b).

matérias-primas e importar tecnologia pronta, ou mesmo trazer indústria e capital estrangeiro para o seio mesmo da nação como caminho ao desenvolvimento.

Poder-se-ia fazer uma objeção à tese de Vieira Pinto sobre a exportação de matérias-primas pelos países subdesenvolvidos como sendo uma via de mão única. De fato, os países por ele chamados imperialistas também exportam matérias-primas, como é o caso dos EUA. O que se poderia contrapor a este argumento, com base nas teses vieirianas, é que o fazem como algo lateral em seu processo de criação de riqueza e desenvolvimento. Com efeito, tais exportações representam um percentual pequeno na criação da riqueza nacional. Outro ponto: as atuais tarifas impostas aos produtos de outras nações, pelo governo Donald Trump, têm por objetivo exatamente a retomada da indústria norte-americana, bem como do trabalho feito por seus cidadãos em território nacional. Ou seja, este argumento não invalida a força da tese geral de Vieira Pinto acerca do desenvolvimento e de sua relação com o trabalho sofisticado feito em solo nacional.

Voltando à questão anterior, para dela fazer uma suma: a técnica e a tecnologia (como epistemologia da técnica), na obra de Vieira Pinto, estão em estreita vinculação com a política. E mais. São temas que trazem como que acoplados os conceitos de dominação, estratégia, ocultamento, *soft power*, controle e esvaziamento das elites científicas, econômicas, empresariais, dos líderes políticos, infiltração de poderes nas soberanias etc.

Vê-se, assim, que a filosofia da técnica elaborada por Vieira Pinto não é apenas uma reflexão sobre um substantivo, uma neutralidade. Sendo a técnica processo e invenção, trabalho útil, tem papel na mudança de qualidade de uma nação, é resultante de sua história e simultaneamente impulso aos saltos qualitativos que a nação realiza em seu desenvolvimento. Trata-se, como já apontado, de uma filosofia política da técnica (MONTANS BRAGA, 2023), a qual traz questões de geopolítica acopladas.

Congelar o subdesenvolvimento: uma conclusão em forma de hipótese

Em *O Conceito de Tecnologia*, Vieira Pinto expõe e analisa a tentativa de diminuição da população dos países subdesenvolvidos. As intenções viriam não de dentro, mas de nações estrangeiras atuando por diversos métodos. Por exemplo, por meio de uma série de políticas de controle de natalidade propostas pelos países metropolitanos e que passaram a ganhar peso e verniz científico (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 503-504). O tema é tratado em “O ‘complexo de Herodes’” (2005, pp. 497-516). Vieira Pinto enxergava em tais estratégias evidente tentativa de bloqueio do

desenvolvimento desses países. Com efeito, Vieira Pinto correlaciona a expansão da razão à expansão da população (VIEIRA PINTO, 2005, p. 517 e seguintes), além de enxergar a presença da consciência ingênua no conceito de “explosão populacional” (2005, pp. 497-498). O autor, eis uma hipótese, não se equivocara, como atesta o *National Security Study Memorandum 200* ou *Relatório Kissinger*, que trata das implicações do crescimento da população mundial para a segurança dos EUA e interesses além-mar (NSSM 200), concluído em 10 de dezembro de 1974 pelo Conselho de Segurança Nacional do Estados Unidos, sob a direção de Henry Kissinger⁷. É certo que tais políticas ocorreram também nos países centrais. Eis uma objeção forte à tese vieiriana, tema, aliás, que ao autor não aborda explicitamente em seus ensaios.

O embaixador e diplomata João Augusto de Araújo Castro, em palestra proferida na embaixada do Brasil em Washington e publicada em julho de 1971, já chamara a atenção para o mesmo problema, defendendo a tese de que se tratava de astúcias neocolonialistas com vistas ao congelamento do poder mundial. Afirma:

Em várias oportunidades, no cenário das Nações Unidas [...] o Brasil tem procurado caracterizar o que agora se delinea claramente como firme e indisfarçada tendência no sentido do *Congelamento do Poder Mundial*. E quando falamos de Poder, não falamos apenas de Poder Militar, mas também de Poder Político, Poder Econômico, Poder Científico e Tecnológico (CASTRO, 1971, p. 40).

À frente, Castro vai ao cerne de um dos aspectos do conceito. Um dos itens seria a questão dos “problemas de população e preservação do meio ambiente” (CASTRO, 1971, p. 44). A “population bomb” seria, afirma, “mais fatal e mais nefanda que a própria bomba nuclear” (p. 44). Daí se desenharia, na análise do embaixador, a tendência a tratar o problema de forma universal, como se não dependesse de interesses de cada Estado-nação e suas peculiaridades e conjunturas, bem como se passasse ao largo do conceito de soberania. Escreve:

[...] tenta-se converter o grave problema do subdesenvolvimento em um mero problema de estabilização, com o esquecimento do fato de que se fôssemos estabilizar muitos países no nível econômico atual, procederíamos a uma estabilização em nível extremamente baixo. (CASTRO, 1971, p. 44).

Ou seja, o embaixador aponta aqui a matemática de dominação dos países metropolitanos em face dos subdesenvolvidos. Manter o dividendo, a riqueza produzida, e diminuir o divisor, a população, para aumentar a renda *per capita*.

⁷ Ver: ESTADOS UNIDOS, 1974. A tese principal do documento é a de que o crescimento populacional nos países menos desenvolvidos é uma preocupação para a segurança nacional dos EUA. Isso porque tal crescimento populacional poderia gerar riscos de distúrbios civis e instabilidade política em países que tinham um alto potencial de desenvolvimento econômico. O documento veio a público apenas em 07 de março de 1989.

Assim, na mesma linha do filósofo brasileiro, o embaixador Araújo Castro vislumbrava uma grande cortina de fumaça presente nas teses da “population bomb”, artimanha das metrópoles para diminuir a população dos países subdesenvolvidos. Questão de alta voltagem geopolítica para ambos os autores, é certo. Mas as estratégias sutis não se esgotariam, para ambos, na questão da explosão populacional.

Em seu *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos* (VIEIRA PINTO, 2008), Vieira Pinto igualmente esboça a tese da “population bomb” como método de controle das metrópoles em face dos países subdesenvolvidos, assim como trata do então incipiente conceito de poluição, utilizado como cortina de fumaça para interesses outros. Afirma o autor, em item cujo título é *O conceito ideológico de “poluição”*:

Tudo leva a crer [...] que a palavra mágica que veio tomar o lugar da descartada e desmoralizada noção de “explosão demográfica” é a nova descoberta dos cientistas metropolitanos, a “poluição”. [...] não podem mais recorrer [...] a truques de mágicos mambembes [...], como foram as teorias que [...] clamavam a superioridade racial, geográfica, climática, moral, intelectual do povo explorador [...]. Das teorias até a de Malthus [...] e depois aos preparados culinários mais complexos e apetitosos, chamados genericamente neo-malthusianismo, a curva e aceitação [...] da mentalidade colonizada vem revelando crescente resistência [...]. Daí a necessidade em que se veem os sábios da matriz de recorrer a novos conceitos [...] nos quais [...] há uma parte de verdade, ao lado da outra, falsa [...]. Assim é o caso da atual divulgação do conceito de “poluição”. [...] A este propósito a primeira coisa a dizer é que “poluição” sempre existiu, pois a rigor não significa outra coisa senão a luta [...] inevitável com o meio físico, pela obrigação em que está o ser racional de extrair do ambiente que sempre lhe fez resistência, [...], os recursos de que precisa para se conservar em vida e desenvolver a capacidade de criação cultural. [...] A chamada Revolução Industrial, no auge, [...] fazia, nas regiões manufatureiras inglesas, cair neve negra. [...] No entanto, nessa época jamais se falou em “poluição”. [...] [Não convinha] sujar o róseo panorama econômico com um termo depreciativo (VIEIRA PINTO, 2008, p. 99-101).

O que o autor pretende denunciar nesse ponto do ensaio sociológico sobre o subdesenvolvimento é o que logo a seguir afirma:

O lixo do “vale de lágrimas” [a situação dos países subdesenvolvidos e de sua massa popular é descrita com esta metáfora], que dura tanto quanto a divisão da sociedade em classes, positivamente não merece ser insultado com o novo termo desprezível de “poluição” (VIEIRA PINTO, 2008, p. 101).

Aqui Vieira Pinto, tal qual Araújo Castro, vislumbra astúcias metropolitanas para bloquear os países subdesenvolvidos em seu incipiente crescimento industrial. Araújo Castro vai mais fundo na questão do meio ambiente, denunciando a suposta preocupação mundial com o tema como estratégia de congelamento do poder mundial. Essa tese tem total amparo na obra de Vieira Pinto, como visto. Ocorre que Vieira Pinto não tratou a questão do meio ambiente a fundo, ou seja, com a mesma ênfase que o embaixador brasileiro, exceto pelo vislumbre do problema da poluição como uma falsa preocupação.

De fato, o tema do *environment* (a preservação do meio ambiente⁸) ganhou análise direta do embaixador brasileiro. Para Castro, a ênfase colocada nos perigos da rápida industrialização chamava a atenção, pois ocultava um problema muitíssimo mais grave: “Acentuam-se os perigos da poluição, certamente graves para os países altamente industrializados, quando a maior parcela do planeta ainda vive num estágio de pré-contaminação” (CASTRO, 1971, p. 44). E arremata: “Duas terças partes da humanidade estão muito mais ameaçadas pela fome e pela penúria do que pelos males da poluição” (CASTRO, 1971, p. 44). Em suma, para o embaixador, “o subdesenvolvimento representa, por si só, uma das piores formas de poluição do *environment*” (CASTRO, 1971, p. 45).

Poder-se-ia, por fim, objetar as teses vieirianas com os pontos a seguir, que apenas deixo registrados. O autor teria dado ênfase demais às causas externas do subdesenvolvimento, lateralizando ou ignorando as razões internas. Vieira Pinto teria deixado, até o momento de seus últimos escritos, na década de setenta, de tratar dos avanços globais em relação ao combate à fome, não tendo apresentado igualmente as causas de recuos nessas políticas.

Outra crítica que pode ser feita aos argumentos do autor seria no sentido de que ele faz uma generalização ao tratar dos países imperialistas. De fato, uma análise com lupa, mais específica e detalhada, mostra diferenças significativas nas estratégias e objetivos geopolíticos dos países centrais.

Talvez esses sejam calcanhares de aquiles, significativos, das teses e argumentos do autor, assim como aquele, já registrado, sobre a diminuição da população, por meio de políticas públicas, ocorrida também nos países centrais. Não há espaço, entretanto, no presente artigo, para aprofundar essas críticas ao pensamento vieiriano, o que poderá ser feito em outra ocasião.

Um modo didático de mostrar o provável acerto de Vieira Pinto e de Araújo Castro, já na década de 70, em suas teses acerca das astúcias dos países desenvolvidos para bloquear o desenvolvimento das nações subdesenvolvidas se dá

⁸ A conferência de Araújo Castro é da década de 70. Entretanto, suas teses acerca do uso do tema do meio ambiente como estratégia neocolonial de congelamento do poder mundial continuam presentes nas discussões desde então. Há, contudo, variados modos de cancelamento do debate, mesmo existindo vasta bibliografia e nomes de peso defendendo teses opostas àquelas massivamente presentes nas mídias *mainstream*. Ao se observar esta tendência com o uso das lentes vieirianas, vê-se que tal desequilíbrio no debate não é casual, mas provocado pelos interessados em manter o *status quo*. Com teses na mesma linha do embaixador Araújo Castro, ver, por exemplo: CAMELY, 2018; CARRASCO, 2020; DEWAR, 2007; Executive Intelligence Review (EIR), 2015; GODEFRIDI, 2021; LINDZEN, 2022; PRESTININZI, 2023; SCHILLER INSTITUTE, 2021.

pelo acesso ao site [flightradar24](https://www.flightradar24.com/)⁹, que mostra, ao vivo, as aeronaves do mundo inteiro e suas respectivas rotas. Deve causar estupefação ao leitor bem informado a quantidade de voos presentes na América do Norte e Europa em comparação com o “deserto aéreo” da África e da América do Sul.

Teriam as estratégias metropolitanas alcançado seus objetivos de congelamento do poder mundial com o uso dos métodos então denunciados pelo embaixador e pelo filósofo? Com efeito, é fato incontestável, constatado no referido site, o desnível no acesso às tecnologias aeronáuticas na comparação entre as nações, apenas uma singela amostra do desnível geral entre elas no que se refere à sofisticação da amaturalidade. Como explicar esse estado de coisas, senão pela eficácia das narrativas e métodos das nações metropolitanas-desenvolvidas, as quais mantêm a situação de subdesenvolvimento e os bloqueios de décadas, impedindo aos demais países o acesso ao desenvolvimento? As lentes vieirianas, eis outra conclusão, apenas aumentam em potência a compreensão geopolítica da história, assim como ajudam a dissipar as narrativas bem construídas e cultuadas.

Referências

- ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. **Uma breve história da Geopolítica**. Rio de Janeiro: CENEGRI, 2011.
- CAMELY, Nazira. **Imperialismo, Ambientalismo e ONGs na Amazônia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- CARRASCO, Lorenzo e outros. **Máfia Verde**. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2020.
- CASTRO, João Augusto de Araújo. O congelamento do poder mundial. *In: Revista de informação legislativa*, v. 8, n. 31, p. 37-52, jul./set. 1971. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/180480>. Acesso em: 23 ABR 2025 [1971].
- DEWAR, Elaine. **Uma Demão de Verde: os laços entre grupos ambientais, governos e grandes negócios**. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2007.
- ESTADOS UNIDOS**. National Security Council. *National Security Study Memorandum 200: implications of worldwide population growth for U.S. security and overseas interests*. Washington, D.C.: U.S. Government, 1974. Disponível em: file:///C:/Users/Luiz%20Carlos/Downloads/Memorando_200.pdf. Acesso em: 24 ABR 2025 [1974].
- EXECUTIVE INTELLIGENCE REVIEW (EIR). **‘Global Warming’ Scare Is Population Reduction, Not Science**. EIR Special Report, September 2015. Disponível em: https://larouche.org/eiw/public/greenfascismpromo/globalwarming_index.html. Acesso em 24 ABR 2025 [2015].
- FÁVERI, José Ernesto de (org.) **O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos**. São Paulo: ed. LiberArs, 2015. [E-book Kindle].
- FLIGHTRADAR24**. *Live flight tracker – Real-time flight status*. Disponível em: <https://www.flightradar24.com/>. Acesso em: 24 ABR 2025 [2025].
- GODEFRIDI, Drieu. **O Reich Verde: do aquecimento global à tirania verde**. Santo André: Armada, 2021.
- LINDZEN, Richard. **An Assessment of the Conventional Global Warming Narrative. Technical Paper 5, The Global Warming Policy Foundation, 2022**. Disponível em:

⁹ Ver: FLIGHTRADAR24, 2025.

<https://www.thegwpf.org/content/uploads/2022/09/Lindzen-global-warming-narrative.pdf>.

Acesso em 13 NOV 2023 [2022].

MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Lógica dialética e lógica formal: Álvaro Vieira Pinto e a natureza da luz. **Revista Iniciação & Formação Docente**, Vol. 8, N. 3, 2021, pp. 643-667 [2021].

_____. Álvaro Vieira Pinto e a filosofia política da técnica. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 19, n. 57, p. 488-508, jul./set. 2023.

PRESTININZI, Alberto. Climate: Between Emergency and Knowledge. *In: **Executive Intelligence Review (EIR)***, Volume 50, Number 31, August 11, 2023. Disponível em: https://larouchepub.com/other/2023/5031-climate_between_emergency_and.html. Acesso: 24 ABR 2025 [2023].

SCHILLER INSTITUTE. **There is no climate emergency - Schiller Institute Conference, July 24, 2021** [Parte 1]. YouTube, 24 JUL 2021. Disponível em: <https://youtu.be/l2D4uMM13Jo>. Acesso: 24 ABR 2025 [2021].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua)** Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

_____. **Ideologia e Desenvolvimento Nacional**. 4ª edição. Rio de Janeiro: ISEB, 1960a.

_____. **Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua)** Rio de Janeiro: editora Contraponto, 2020.

_____. **Consciência e realidade nacional (Vol. II- A consciência crítica)** Rio de Janeiro: editora Contraponto, 2020a.

_____. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: editora Contraponto, 2020b.

_____. Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento. *In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais***, Vol III, n. 2, jul-1963, pp. 252-279 [1963].

_____. **O Conceito de Tecnologia (Vol. I)**. Rio de Janeiro: editora Contraponto, 2005.

_____. **A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos**. José Ernesto de Fáveri (org.). Rio de Janeiro: editora Contraponto, 2008.

Recebido em 20 de maio de 2025.

Publicado em 20 de junho de 2025.